



Revolução e Autogestão na Ucrânia

Piotr Archinoff

Quanto ao povo trabalhador, é precisamente a partir do dia em que se torna completa e realmente livre que começa a viver e a desenvolver-se de maneira mais intensa. Os camponeses de Gulai-Polé o demonstraram de forma admirável. Durante seis meses, desde novembro de 1918, viveram sem nenhum poder político e não só não perderam os laços sociais entre si, mas, pelo contrário, criaram nova forma superior de ordem social: a *comuna do trabalho livre e os soviets livres dos trabalhadores*.

A terra da região libertada passou para as mãos dos camponeses. Estes compreenderam que não se fizera tudo; que não bastava apoderar-se de uma extensão de terra e contentar-se com isso. Os inimigos os cercavam por toda parte e os estimulavam a manter-se unidos. Dada a hostilidade dos camponeses às comunas oficiais (governamentais), em muitos lugares da região surgiram organizações chamadas *comunas de trabalho* ou *comunas livres*. Assim, próximo à aldeia de Pokrovskyé, organizou-se a primeira comuna livre com o nome de Rosa Luxemburgo. Essa comuna foi criada pelos camponeses mais pobres da região; sua denominação de Rosa Luxemburgo testemunha a ausência de todo espírito de partido entre os organizadores. Com a simplicidade e grandeza de atitudes próximas do povo liberto os camponeses honraram uma heroína da revolução, desconhecida para eles, mas que perecera na Alemanha como mártir da luta revolucionária. A comuna estava fundamentada no princípio antiautoritário. As autoridades bolcheviques tentaram intervir na sua vida interna, mas não foram admitidos. Ela se chamou claramente “comuna livre”, comuna de trabalho livre de todo e qualquer poder. A 7 quilômetros de Gulai-Polé, em um antigo feudo, fundou-se outra que reuniu os camponeses pobres da região. A 20 quilômetros dessa comuna, surgiram outras. E, logo a seguir, outras em vários lugares.



As comunas não eram criadas em consequência de uma fantasia qualquer, mas exclusivamente em consequência das necessidades vitais dos camponeses que nada possuíam antes da revolução e que, depois de haver esta saído vitoriosa, puseram-se a organizar sua vida econômica sobre bases comunais. Não eram as comunas artificiais do Partido Comunista, onde se reúnem habitualmente elementos agrupados ao acaso, sujeitas ao estado, e, por conseguinte, vivendo do sacrifício do povo, ao qual têm a prestação de ensinar a trabalhar. Eram, sim, verdadeiras comunas de camponeses habituados desde a infância ao trabalho e que sabiam apreciá-lo em si mesmos e nos demais. Portanto, os camponeses nelas trabalhavam para assegurar-se o pão cotidiano. Cada qual encontrava nas comunas o apoio moral e material de que necessitava. O princípio de fraternidade e de igualdade era profundamente mantido. Todos - homens, mulheres e rapazes - deviam trabalhar na medida de suas forças. As funções organizadoras eram confiadas a um ou dois camaradas, que depois de se haverem desempenhado delas, voltavam ao trabalho habitual, ao lado dos outros membros da comuna.

Sem embargo, esse germe de comunismo livre estava longe de representar todo o conteúdo da atividade criadora, econômica e social dos camponeses. Ao contrário, o ambiente político exigia dos camponeses esforços comuns imediatos e de grande alcance, uma tensão e uma atividade gerais. Era indispensável chegar a uma organização coordenadora não só dos limites de tal ou qual aldeia, mas em limites de distritos inteiros e das províncias que constituíam a região libertada. Era necessário achar em comum soluções para diferentes problemas concernentes à nação inteira. Era preciso, pois, criar os órgãos correspondentes. Com efeito, os camponeses não tardaram em criá-los. Esses órgãos foram os *congressos regionais dos camponeses, operários e guerrilheiros*.

Marxismo



Autogestão

Marxismo e Autogestão, Ano 01, Num. 01, jan./jun. 2014

No primeiro congresso regional, realizado em 23 de janeiro de 1919 na povoação de Gran-Mikailovka, os camponeses dirigiram sua atenção, sobretudo, para o grande perigo oferecido pelos movimentos de Petliura e Denikin, generais czaristas.

Os partidários de Petliura estavam em vias de organizar seu Estado no país. Servindo-se da palavra de ordem enganosa de “defesa nacional”, haviam declarado uma mobilização geral, que implicava em nova forma de escravidão do povo revolucionário. Os camponeses de todo o litoral de Azof decidiram combater energicamente esse perigo. Formaram vários destacamentos e comissões e enviaram-nos a região ocupada pelo diretório de Petliura para explicar às grandes massas a mentira do novo poder democrático, incitá-la à desobediência e a boicotar a mobilização até derrubar esse poder.

O segundo congresso regional dos camponeses se reuniu três semanas depois do primeiro, a 12 de fevereiro de 1919, em Gulai-Polé. Foi examinada nesse congresso a questão do perigo representado por Denikin, iminente para a região. O exército de Denikin se compunha de elementos contrarrevolucionários bem escolhidos: oficiais dos quadros do antigo exército regular e cossacos do império. Os camponeses se deram perfeitamente conta da maneira como ia decidir-se a colisão entre esse exército e eles. Tomaram, pois, todas as medidas para reforçar suas defesas. O exército insurrecional dos machnovistas* contava, nessa época, com 20 mil combatentes voluntários. Muitos deles estavam cansados, esgotados pela fadiga, havendo tomado parte durante 5 ou 6 meses em combates incessantes. Mas as tropas de Denikin ameaçavam a região com imenso perigo. Em consequência, o segundo congresso dos camponeses resolveu declarar para toda a região uma mobilização que devia ser “voluntária”, quer dizer, apelava para a consciência e boa vontade de cada um.

* A denominação “machnovista” vem da influência do anarquista Nestor de Machnó sobre o movimento camponês na Ucrânia, onde ele se tornou um grande líder guerrilheiro (Nota da RMA).



Depois da criação de um Conselho Regional, a atividade social da região se tornou mais intensiva. Em todas as cidades e aldeias, foi promovida e examinada grande quantidade de problemas comuns a toda a região, entre eles o do abastecimento do exército de guerrilheiros.

Vemos, pois, que as vastas massas de camponeses e parte dos operários, ao libertar-se do regime do *hetman* e de outras autoridades, empreenderam a obra imensa da reconstrução de uma nova vida de modo objetivo e prático. Vemos também que, estando rodeadas por todos os lados de forças hostis, as massas trabalhadoras tomavam medidas positivas e justas para a defesa da região, que um movimento libertário havia livrado da tirania.

A insurreição revolucionária foi, no fundo, uma tentativa das massas populares para realizar as aspirações não satisfeitas ainda pela revolução bolchevista. A insurreição era a continuidade orgânica do movimento das massas trabalhadoras e camponesas de outubro de 1917. Era movida pelas mesmas intenções e estava cheia de um profundo sentimento de fraternidade para os trabalhadores do país e de todas as nacionalidades.